



Glossário etnoterminológico dos quilombos urbanos *Liberdade e Fé em Deus*, em São Luís-MA

Laryssa Francisca Moraes Porto e Georgiana Márcia Oliveira Santos*

Universidade Federal do Maranhão, Av. dos Portugueses, 1966, 65080-805, São Luís, Maranhão, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: georgiana.marcia@ufma.br

RESUMO. A Comunidade Quilombo da Liberdade — formada pelos bairros Liberdade, Fé em Deus e Camboa, situados na capital, São Luís — consiste na primeira área urbana do estado do Maranhão certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares, no dia 13 de novembro de 2019. Esse espaço é um importante reduto de resistência e práticas culturais herdadas pelos povos negros, em São Luís-MA. Partindo da ideia de que língua e cultura são indissociáveis, a presente pesquisa teve como objetivo produzir um glossário das especificidades denominativas e, sobretudo, das particularidades semântico-conceptuais constitutivas do léxico de dois bairros constituintes da Comunidade Quilombo da Liberdade — Liberdade e Fé em Deus¹ — com a finalidade de compreendermos a singular visão de mundo semioticamente construída por esses grupos em área metropolitana do estado. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas no que tange, sobretudo, à Etnoterminologia (Barbosa, 2004; 2007); (Andrade, 2010); (Pais, 2009). A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário etnoterminológico, adaptado da pesquisa de Santos (2013), formado por 58 questões organizadas em nove campos semânticos, a saber: territorialidade; convívio e comportamento social; música; dança; diversão, lazer e jogos; vestuário e acessório; religião e crenças; comida e identidade-negritude. Destacamos que os/as seis colaboradores/as, distribuídos entre os sexos masculino e feminino, são moradores desses bairros quilombolas e têm o seguinte perfil: autodeclarados/as negros/as, nascidos/as ou moradores há mais de 10 anos nesses bairros e participantes de manifestações culturais, sociais ou religiosas nesses espaços. Como resultados, o glossário etnoterminológico possui 23 vocábulos-terms.

Palavras-chave: quilombo urbano; etnoterminologia; Liberdade; Fé em Deus.

Ethnoterminological glossary of urban quilombos *Liberdade* and *Fé em Deus*, in São Luís-MA

ABSTRACT. The Quilombo Community of Liberdade – comprised of the neighborhoods Liberdade, Fé em Deus and Camboa, located in the capital São Luís – consists of the first urban area of the state of Maranhão certified as a remnant quilombo by the Palmares Foundation on November 13, 2019. This space is an important stronghold of resistance and cultural practices inherited by Black communities in São Luís-MA. Starting from the premise that language and culture are inseparable, this research aimed to compile a glossary of denominative specificities and, above all, semantic particularities constitutive of the lexicon of two constituent neighborhoods of the Quilombo Community of Liberdade -Liberdade e Fé em Deus- in order to understand the unique world view semiotically constructed by these groups in metropolitan area of the state. For this, bibliographical research was carried out with regard, above all, to Ethnoterminology (Barbosa, 2004; 2007); (Andrade, 2010); (Pais, 2009); Data collection was performed through the application of an ethnoterminological questionnaire, adapted from Santos' research (2013), constituted by 58 questions organized in nine semantic fields, namely: territoriality; conviviality and social behavior; music; dance leisure and games; clothing and accessories; religion and beliefs; food and identity-blackness. We highlight that the six collaborators, distributed between male and female, are residents of these quilombola neighborhoods and have the following profile: self-identified as Black, born/as or residents of these neighborhoods for over 10 years and participants in cultural, social or religious activities in these spaces. As a result, the ethnoterminological glossary consists of 23 terms.

Keywords: urban quilombo; ethnoterminology; *Liberdade*; *Fé em Deus*.

Received on March 31, 2023.
Accepted on December 4, 2023.

¹ Estudos na perspectiva etnoterminológicas foram desenvolvidos no bairro da Camboa pelo auxiliar de pesquisa do GELMIC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas), Wanderson Moraes, por meio do PIBIC-Voluntário Cota 2019-2020.

Introdução

A língua é o retrato das culturas de um povo. É por meio dela que as axiologias, memórias, histórias, ciência e lendas são passadas de uma geração a outra. Podemos afirmar que a língua é um arcabouço da identidade de determinado grupo sócio-cultural. Por esse motivo, é preciso compreender dinamicidade da língua.

Partindo dessa premissa, esta pesquisa, fruto da monografia de conclusão do curso em Letras/UFMA, teve como objetivo principal produzir um glossário das especificidades denominativas e, sobretudo, das particularidades semântico-conceptuais constitutivas do léxico dos bairros quilombolas ludovicenses Liberdade e Fé em Deus — bairros que conquistaram o reconhecimento, junto com o bairro Camboa, o título de quilombo urbano, pela Fundação Palmares. Esses bairros são vizinhos e juntos formam o primeiro quilombo urbano de São Luís-MA — a Comunidade Quilombo da Liberdade.

A formação desse quilombo urbano e, sobretudo, dos dois bairros quilombolas que o constituem investigados nesta pesquisa — Liberdade e Fé em Deus — é marcada pela vinda de negros e negras da região da Baixada Maranhense², principalmente, do município de Alcântara. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2022), essa cidade tem 85% da população autodeclarada quilombola, ocupando a terceira posição no ranking nacional, ficando atrás, apenas, das cidades baianas Senhor do Bonfim e Salvador.

Trazidos pela esperança de melhores condições de vida e trabalho, esses quilombolas ocuparam as áreas à margem do rio Anil. Em palafitas, organizaram-se para reivindicar melhorias para a área.

Outra característica importante, é a forma de vivência em comunidade que esse grupo organizou entre seus pares: a pesca e a criação de animais, por muito tempo, foi mantida. Com o crescimento da capital, mais uma vez, os seus espaços estavam ameaçados pelo sistema capitalista e eles/as eram alvo da segregação territorial. A associação de moradores da área e a pastoral da terra fizeram campanhas para que os negros e negras continuassem naquele espaço. Após muitas lutas, na década de 80, os quilombolas urbanos conseguiram se manter nesse território.

As pesquisas sobre quilombos em contexto urbano avançaram muito, contudo, pela variedade e complexidade de elementos envolvidos, que geram particularidades identitárias entre os diferentes quilombos urbanos formados, não há uma referência única para o conceito de quilombo urbano. Nesta pesquisa, concebemos quilombo urbano como “[...] grupos que, em meio a um contexto urbano multicultural, fragmentado e em eterna dinâmica, demarcam sua identidade mobilizando critérios étnicos” (Oliveira & D’Abadia, 2015, p. 269).

Ressaltamos, assim, que é preciso que o contexto de formação dos quilombos urbanos seja estudado de forma singular e aprofundada para que sejam respeitadas as particularidades de constituição de cada grupo. No caso da Comunidade Quilombola da Liberdade e Fé em Deus, a formação se deu, como vimos, pela migração de quilombolas do contexto rural, contudo, outros espaços podem ter surgido de diferentes formas.

Salientamos, ainda, que a importância desta pesquisa pode ser evidenciada pela necessidade de investigação lexical desses espaços sob uma perspectiva etnoterminológica pois, até onde os nossos estudos puderam alcançar, essa perspectiva de análise ainda não foi explorada anteriormente nos trabalhos sobre o léxico de grupos quilombolas urbanos ludovicenses.

Metodologicamente, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre a Terminologia e Etnoterminologia. Em seguida, foram feitas pesquisas de campo nos bairros da Liberdade e Fé em Deus, orientadas por um questionário etnoterminológico. Após a coleta, foi realizada a transcrição grafemática e tratamento dos dados. Os vocábulos-terminos identificados foram organizados em fichas etnoterminológicas com base nas quais foi produzido o glossário etnoterminológico dos quilombos urbanos ludovicenses Liberdade e Fé em Deus, contendo 23 vocábulos-terminos.

Como resultados, podemos pontuar que foram identificadas unidades denominativas e semântico-conceptuais representativas dos quilombolas urbanos da Liberdade e da Fé em Deus, a exemplo de ‘quilombola’ que apresenta, nos discursos analisados, semas³ específicos como resistência, ser negro consciente, entre outros.

² A microrregião Baixada Maranhense é composta por 22 municípios. Alcântara é o primeiro município que dá acesso a essa microrregião.

³ Traços distintivos de significação.

Histórico sobre os bairros Liberdade e Fé em Deus

O processo de migração das populações dos interiores para a capital do estado do Maranhão fomentou a habitação do território hoje constituídos pelos bairros da Liberdade e Fé em Deus.⁴ Os homens e mulheres negros e negras que vieram da região da Baixada Maranhense e trouxeram o sonho da construção de uma vida melhor.

Esses bairros ficavam à margem do Rio Anil, importante rio que corta o município de São Luís-MA. À margem do rio e à margem social, os agentes sociais dessas localidades lutaram pela sua permanência no território ocupado e melhoria desse espaço.

Para garantir direitos sociais, identitários e a manutenção/valorização dos costumes herdados por seus ancestrais negros, os agentes sociais desses bairros buscaram formas de valorização da cultura negra. Nesse sentido, dentre os trabalhos de diversos segmentos socioculturais, destacamos as atividades desenvolvidas pelo Centro de Interação Social Aprendiz do Futuro — CISAF, que desenvolveu atividades nos bairros quilombolas, aqui investigados, por meio de ações sociais, valorização da história e estética negra a fim de acabar com a visão estereotipada desses espaços.

Por muito tempo, os meios midiáticos enfatizaram os cenários de violência que ocorriam no bairro, fato que impulsionou a criação do estereótipo de violência, de lugar que não é bom para se viver. Alguns colaboradores, ao serem perguntados sobre a reação das pessoas quando dizem que são moradores da Liberdade ou Fé em Deus, revelaram: “[...] tem muita gente que acha que Liberdade é muito violento” (E.B.D., *LB*, 02/2019). W.L.P.A. (*LB*, 13/02/2019) pontua que, ao dizer que mora no bairro da Liberdade, em algumas situações ou lugares, passa por casos de constrangimento. B.C.D (*LB*, 22/02/2019) afirma que “[...] o pessoal, por exemplo, quando vão fazer as inscrições do curso, ou alguma coisa, muitos nem diz que moram na Liberdade, dá endereço diferente. Eles acham que a Liberdade é muito [...] muito marginalizado”.

Após anos de lutas dos grupos sociais e culturais dos bairros Liberdade, Fé em Deus e Camboa, no dia 23 de novembro de 2018, esses redutos de ancestralidade negra tornaram-se o 1º Quilombo Urbano de São Luís, com aprovação da câmara de vereadores da cidade. Para isso, houve a participação de grupos culturais, religiosos, organizações sem fins lucrativos, que buscaram junto às autoridades o reconhecimento da área como quilombo urbano.

O processo de regularização da área como remanescente de quilombo é burocrático e demorado. Segundo o Diário da União (seção 1, p. 6) (Brasil, 2019), somente no dia 13 de novembro de 2019, a Fundação Palmares certificou, através da Portaria nº 192 (Brasil, 2019), a Comunidade Quilombo da Liberdade como remanescente de quilombola em área urbana do estado do Maranhão, sendo essa composta pelos bairros Fé em Deus, Liberdade e Camboa, todos situados na capital São Luís.

A colaboradora M.M.S.P. (*FD*, 12/11/2019) enfatiza que a luta por melhores condições de moradia sempre movimentou o bairro. As palafitas foram retiradas aos poucos e houve o aterramento da maré para que os moradores da Fé em Deus pudessem ter novas moradias e urbanização.

E aí nós fomos crescendo nessa realidade, vendo muita transformação na comunidade, porque na época que nós chegamos a nossa rua que era a rua Rachid de Habdala como ela é conhecida ela... era palafita. Então a... a... a luta da comunidade era que nós saíssemos dessas palafitas, né?! E foi aterrando, aterrando. Muita... muita luta acabou virando uma rua mesmo, né. Saiu as palafitas e virou uma rua normal, comum (M.M.S.P., *FD*, 12/11/2019).

Após dez anos de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento - Rio Anil (PAC-Rio Anil) ser executado, os moradores dos bairros da Alemanha, Camboa, Liberdade e Fé em Deus tiveram alguns benefícios estruturais, como apartamentos, CRAS e avenida (Fonseca, 2018). Esses benefícios trazidos pelo PAC, como defendido por Fonseca (2018), foi uma conquista dos agentes sociais contra as palafitas. O investimento em infraestrutura gerou melhores condições de moradia para centenas de famílias de baixa renda.

O PAC RIO ANIL promoveu, bem como em todo o território nacional, investimentos para infraestrutura social e urbana, que constituiu em dar melhores condições de vida para a população de baixa renda, onde proporcionou, apesar das críticas, habitações para uma grande maioria da população que morava na margem esquerda do Rio Anil na cidade de São Luís. O programa fez a relocação das famílias para prédios residenciais com estrutura urbanizada e infraestruturas básicas, como: rede de esgoto, poços artesianos e energia elétrica (Fonseca, 2018, p. 33).

Dentre as melhorias de condições de vida, a construção do conjunto habitacional Jackson Lago proporcionou a alguns moradores da Fé em Deus, área de lazer e esporte, acesso à água e à energia elétrica.

⁴ É importante salientarmos que este trabalho é fruto de dois anos de pesquisa de iniciação científica realizada nos bairros da Liberdade e Fé em Deus que geraram uma monografia de conclusão do curso de Letras. O bairro da Camboa também foi alvo de investigação de pesquisa, entretanto, foi realizado por outro pesquisador que contribuiu para o projeto.

Porém, colocar essas pessoas em apartamentos infringiu as formas de vivência em comunidade própria de quilombolas urbanos, entre elas, as moradias dispostas horizontalmente.

Assim, os negros e negras do bairro Fé em Deus resistiram ao distanciamento imposto pela moradia vertical, os apartamentos, que são consideradas moradias privadas em que, em muitos casos, os vizinhos nem se conhecem. Como recurso para manter as relações sociais, os moradores do conjunto de apartamentos da Fé em Deus reúnem-se ao fim da tarde/começo da noite para conversar, brincar, ‘sentar na porta’. Temos, assim, a criação do que podemos chamar de quilombos verticais.

Outros avanços foram a criação do Centro de Iniciação ao Trabalho (CIT), espaço reservado para a ministração de cursos profissionalizantes, e a isenção de taxas de luz e água para consumidor de baixa renda.

Os negros e negras quilombolas urbanos dessas áreas, puderam receber a titulação de suas casas, atendimento médico especializado, roteiro cultural financiado com dinheiro público, moradia, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento, para os quilombolas que viviam em situação de vulnerabilidade social.

Etnoterminologia

A terminologia é disciplina teórica que se interessa por diferentes campos da linguagem especializada. De forma genérica, tal área se ocupa em estudar os termos- unidade mínima de significação da Terminologia. Serra pontua que “[...] a Terminologia de cunho linguístico, desse modo, tem entendido que itens lexicais especializados consistem nas unidades lexicais que, em contexto comunicacional especializado ou profissional, têm sentido próprio ou especializado” (Serra, 2019, p. 248).

Já a Etnoterminologia, subárea da terminologia, pretende analisar o signo linguístico de acordo com a variação étnico-cultural. Segundo Pais, os discursos etnoliterários representam um “[...] sistema de valores que, por sua vez, determinam pensamentos e comportamentos de formas de ver o mundo, de maneiras de agir, recomendável ou condenável, no fazer social, [esses discursos] definem, assim, uma axiologia” (Pais, 2009, p. 104).

O universo etnoliterário é composto pelos discursos etnoliterários. Os discursos etnoliterários são saberes partilhados por comunidades que compartilham os saberes antropológicos herdados de seus antepassados, em um contexto literário como lendas e mitos, fábulas, histórias, literatura oral, sistema de significação, imaginário coletivo, a visão de mundo do grupo, conhecimento partilhado pela oralidade. (Andrade, 2010).

Destacamos que os espaços quilombolas investigados têm características contra-aculturativas, visto que ainda guardam formas de vivência dos seus ancestrais negros e negras, vivem em comunidade e partilham seus saberes por meio da oralidade.

Por isso, é importante o entendimento da palavra considerando o universo discursivo em que está inserida, pois é assim que entendemos a visão singular de mundo dos sujeitos representada por itens lexicais que detêm valores sociais, ideológicos e culturais próprios, os quais se diferem dos da língua geral.

Nesse sentido, uma mesma unidade lexical pode apresentar diversas acepções, dependendo do contexto cultural e/ou laboral em que está inserida. Os itens lexicais, no contexto etnolinguístico, são plurifuncionais, uma vez que sua função é determinada pelos entornos discursivos; são esses entornos que determinam, então, o estatuto de vocábulo, termo ou de vocábulo-termo.

O vocábulo é de ordem da língua geral ou língua comum, isso significa que são ‘palavras’ compartilhadas pelos usuários, por exemplo, do sistema linguístico da língua portuguesa. O termo é uma palavra e/ou conceito ligados a um domínio de conhecimento. O vocábulo-termo — unidade mínima de significação e de análise da Etnoterminologia — agrega uma multifuncionalidade de papéis configurada pela convergência de funções de vocábulo e de termo que acumulam.

De acordo com Barbosa (2007, p. 440), “[...] as unidades lexicais do universo do discurso etnoliterário têm um estatuto próprio e exclusivo [...]” (Barbosa, 2007, p. 440), pois não apresentam os mesmos traços semânticos da língua geral e nem são utilizadas com o mesmo semema em atividades linguísticas com alta tecnicidade. Cabe à Etnoterminologia, portanto, estudar o uso das unidades lexicais e a formação conceptual considerando a variação etnocultural. Para investigar o estatuto de vocábulo-termo e auxiliar na construção do glossário, fizemos pesquisas nos dicionários Aulete (2011) e Michaelis (2020).

Conceptus e metaconceptus

No discurso etnoliterário, há itens lexicais da língua comum que podem apresentar semas diferentes; semas que podem ser representados por unidades linguísticas distintas e há, ainda, unidades lexicais e semas que são criados a partir dos valores culturais e sociais do grupo, especificamente.

A formação do conceito, segundo Latorre (2013), se dá no percurso gerativo da enunciação e é organizado em momentos distintos que influenciam os traços conceituais manifestados na língua. Observamos que é no discurso que se revelam os mais diversificados traços semântico-conceituais, pois, como expõe Pais (2009), o processo discursivo é o único lugar possível da semiose, é nele que há produção de significação e informação nova.

Barbosa (2004) pontua que o ‘conceptus’ é um subconjunto de noemas biofísicos e universais responsáveis pela conceptualização do mundo natural. Os semas socioculturais formam o ‘metaconceptus’. O ‘metaconceptus’, portanto, é “[...] um subconjunto de traços semânticos conceituais ideológicos, culturais” (Barbosa, 2004, p. 61). O ‘metaconceptus’, assim, está revestido das crenças compartilhadas pelo grupo, às quais são acrescidas ou subtraídas semas formadores do ‘conceptus’ a partir das experiências étnico-culturais (‘metaconceptus’); e, por fim, um subconjunto de traços semânticos conceituais, ideológicos, intencionais, esse último é o mais importante pois é a tradução do terminólogo (‘metametaconceptus’) (Barbosa, 2004). São os noemas culturais que reduzem ou ampliam traços semânticos conforme as experiências vividas pelo grupo étnico-cultural.

Nesse contexto, trazemos o exemplo do item lexical ‘urso’, que na língua geral é conceptualizado como [animal], [mamífero], [bicho feroz]. Entretanto, para os quilombolas urbanos dos bairros da Liberdade e Fé em Deus, ‘urso’, também, apresenta os semas de [traição], [amante]. Destacamos que, a partir da variação cultural, o vocábulo ‘urso’ passa a assumir o status de vocábulo-termo que, como destacamos anteriormente, é revestido de noemas culturais do entorno discursivo em que é usado.

Metodologia

Participaram da coleta de dados um total de doze colaboradores, autodeclarados negros, seis na Liberdade e seis colaboradores na Fé em Deus, distribuídos igualmente entre ambos os sexos. Os colaboradores foram escolhidos pela sua representatividade e atuação no bairro: mães-de-santo, dançarinos, músicos de bumba-meu-boi, agentes sociais ou pagadores de promessa na festa do Divino Espírito Santo, todos exercem funções para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade quilombola.

Os colaboradores nasceram nos bairros investigados ou residem neles há mais de 10 anos; se autodeclararam/as negros/as e são participantes de manifestações culturais, associação de moradores, grupos religiosos ou grupos sociais com atuação nos bairros pesquisados, pois acreditamos que esses critérios são significativos para que esses sujeitos tivessem um vínculo com esses espaços e os representassem, de fato.

Antes de iniciarmos as entrevistas, os colaboradores leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), em que é explicado o uso científico das entrevistas, a opção de desistência em qualquer momento da pesquisa e os contatos dos pesquisadores para sanar quaisquer dúvidas.

Para isso, instrumentalizamos um questionário etnoterminológico com 58 questões organizadas em nove campos semânticos⁵: ‘territorialidade’; ‘convívio’ e ‘comportamento social’; ‘música’; ‘dança’; ‘diversão’, ‘lazer’ e ‘jogos’; ‘vestuário’ e ‘acessório’; ‘religião’ e ‘crenças’; ‘comida’ e ‘identidade-negritude’. As entrevistas realizadas com base nesse questionário foram gravadas em áudio formato MP3 por meio do gravador de voz e, em seguida, transcritas e armazenadas no documento em *word*. O questionário foi organizado em questões onomasiológicas e semasiológicas. Ao final do questionário, os quilombolas urbanos tinham a possibilidade de falar ou enfatizar algo que consideravam importante para a construção da pesquisa.

No glossário etnoterminológico dos quilombos urbanos ludovicenses Liberdade e Fé em Deus, para distinguir as informações, fizemos uma separação com sinais gráficos e tipografias distintas, além de referenciar o colaborador que nos forneceu o vocábulo-termo, a qual bairro pertence e a data de realização da entrevista. Além disso, optamos em seguir a microestrutura com as seguintes informações: vocábulo-termo-entrada (em negrito), categoria gramatical⁶/sintagmática⁷ (em itálico), definição⁸, contexto de uso (separado por colchetes), dados sobre o colaborador (separado por parênteses) e variante (separado por duas barras), quando houve. Como no exemplo abaixo:

⁵ Inicialmente, para a realização da pesquisa na Liberdade, de agosto de 2018 a agosto de 2019, produzimos um questionário com dez campos semânticos, totalizando 60 questões. Contudo, ao observarmos a não funcionalidade/produtividade do campo semântico ‘enfermidades’, o retiramos do questionário etnoterminológico aplicado no bairro Fé em Deus.

⁶ Neste trabalho, concebemos como categoria gramatical todos os eixos estruturantes da língua: morfofssintático, semântico-lexical. Utilizamos a concepção de gramática descritiva, pois busca documentar a língua no momento em que ela se manifesta.

⁷ Os sintagmas são, de acordo com Du Bois et al.(2014), elementos que constituem uma unidade numa ordem hierarquizada. Dessa maneira, o termo sintagma é acompanhado por um qualificativo que define a sua categoria gramatical. Ressaltamos, ainda, que o sintagma é entendido como a junção de elementos lexicais.

⁸ Alguns vocábulos-termos-entradas são polissemicos.

Exemplo da organização do glossário (Elaborado pelas autoras).

Licoteiro. *Substantivo.* Indivíduo que gosta de fazer fofoca [Licoteiro, eu chamo licute. Fulano tu gosta de licute. [...] Câmera de vigilância, whatsapp ao vivo] (N.O.C., LB, 08/02/2018). //Variantes: câmera de vigilância, whatsapp ao vivo//

Selecionamos os vocábulos-termos-entradas conforme os seguintes critérios de desempate: (i) maior ocorrência; (ii) unidade lexical dicionarizada com semas distintos do descrito pelos quilombolas urbanos e (iii) unidade lexical ou 'conceptus' exclusivos. As variantes encontradas foram registradas seguindo os mesmos critérios dos vocábulos-termos-entradas. Outro ponto importante a ser mencionado, é que as variações definitórias foram registradas no mesmo vocábulo-termo-entrada para melhor leitura e interpretação dos dados.

Glossário etnoterminológico dos quilombos urbanos Liberdade e Fé em Deus⁹

Quanto à macroestrutura desse glossário, as entradas foram organizadas por ordem alfabética. A microestrutura está composta pelos seguintes itens: vocábulo-termo (entrada) em negrito, categoria gramatical em itálico, definição construída com base nas falas dos informantes, contexto de uso entre colchetes, identificação dos informantes e, em caso de variante, esta é apresentada entre quatro barras. As variantes apresentadas foram registradas na fala dos colaboradores.

B

Bairro Quilombola. *Sintagma nominal.* Território que compõe a extensão do rio Anil, composto pela junção dos bairros Camboa, Liberdade, Fé em Deus e Alemanha, e com uma diversidade de agremiações culturais, especialmente, de origem negra, como cacuriá, samba, bloco afro e tambor de crioula, tribo de índio. [Juntando de Fé em Deus até Camboa. De Alemanha, Fé em Deus, Camboa, Liberdade, o diferencial é que você não vê um bairro nessa extensão com tantas agremiações, porque até o último levantamento que foi feito... eh... me parece que tinham duzentas agremiações ao longo dessa extensão do rio Anil. Você inclui tribo de índio, você inclui cacuriá, eh... isso eu falo só da parte junina, quando eu falo da parte de tambor de crioula, eh... escola de samba a gente tem aqui em cima que é a Império Serrano. Afro, inclusive, Neto de Nanã, em memória ao Neto de Nanã, que o pessoal continua com o bloco, né, e fora os outros blocos e aí a gente tem dança, dança portuguesa, quer dizer, é o diferencial da gente, é essa diversidade de agremiações ao longo de uma junção de bairros que se tornou um **bairro quilombola**]. (K.L.L.S., FD, 24/01/2020).

Bater coco. *Sintagma verbal (verbo + substantivo).* Jogar uma partida de futebol informalmente. [A gente fala **bater um coco**, jogar um coco, a gente já sabe que é bola] (W.R.S.A., LB, 02/05/2019). //Variante: jogar uma pelada, jogar um coco//

Bucheiro. *Substantivo.* Homem mulhengo que se relaciona com qualquer tipo de mulheres. [O homem que é mulhengo? Rapaz, eu conheço como **bucheiro**. Ele não quer saber se é Zé ou Seu Zé, botou saia é com ele mesmo] (N.O.C., LB, 08/02/2019)

C

Café. *Substantivo.* Ramo seco alucinógeno preparado para o fumo. [Marola. Vários nomes, tem marola...marola, **café**, um monte de nomes. INQ.- Café? COL.- É. Tem o... o... dezesseis e vinte, também, dezesseis e vinte, quatro e vinte. Tem massa. INQ.- Amassa? INF.- É massa, tem café, tem marola, quatro e vinte, boldo [...] Verdinho. Tem vários nomes que colocaram]. (R.W.F., FD, 04/01/2020)]. //Variante: verdinha, cabobó, massa, dezesseis e vinte, quatro e vinte, boldo, marola//

Comunidade. *Substantivo.* Espaço geográfico onde as pessoas que não são da mesma família, mas se conhecem, trabalham juntas, cultivando as relações de paz, união, respeito, solidariedade e união como os seus antepassados. [Acho que **comunidade** é um local em que todo mundo se conhece assim. Um lugar onde a gente vive, sei lá, trocando experiência. Todo mundo se conhece, vamos botar assim] (W.L.P.A., LB, 08/02/2019). [**Comunidade** é uma região em comum, eh... é os integrantes daquela região que habitam, que povoam, eles vivem unidos[...]] (C.D.R., FD, 08/01/2020).

⁹ Todas as variantes elencadas no glossário foram dadas pelos colaboradores.

E

Evento. *Substantivo.* Briga, discussão, confusão que gera uma aglomeração de pessoas. [Ah se diz um babado. Eu intitulei de **evento**. É. Eu digo agora: tudo é um **evento** nessa Liberdade. Fica logo cheio de gente, aquela aglomeração] (A.F.G., *LB*, 22/03/2019). //Variantes: babado//

F

Faca cega. *Sintagma nominal.* Pessoa que tem diversos parceiros sexuais. [Eu chamo todo mundo aqui de **faca cega**] (W.L.P.A., *LB*, 08/02/2020 [**Faca cega** que eles chamam é uma mulher, assim, fácil, uma mulher, assim, rodada. Uma mulher que dois, três, quatro, cinco já conheceram, entendeu?! INQ.- Mas só serve para mulher? COL.- Também pra homem. Não, homem também é **faca cega**, que os dois é a mesma coisa. São, assim, tanto homem, quanto mulher, a mesma coisa.] (R.W.F., *FD*, 04/01/2020).

L

LB. *Substantivo.* Denominação atribuída ao quilombo urbano da Liberdade, mais comumente, pelos próprios moradores para evidenciar algumas características peculiares a essa localidade. [Ah, eu falo Libercity, eu falo **LB**, a gente fala de vez em quando, quando eu tô com a galera assim, né. Ah, vumbora pra Libercity, ah, vumbora pra **LB**. Mas não é muito comum não, só quando tá a gente] (A.T.A.M., *LB*, 13/11/2018). //Variantes: Libercity, Libertetionsociety, Bairro Freedom//

Licoteiro. *Substantivo.* Indivíduo que gosta de fazer fofoca [**Licoteiro**, eu chamo licute. Fulano tu gosta de licute. [...] Câmera de vigilância, whatsapp ao vivo] (N.O.C., *LB*, 08/02/2018). //Variantes: câmera de vigilância, whatsapp ao vivo, maroca//

M

Macumba. *Substantivo.* 1. Instrumento de percussão de origem africana. 2. Denominação pejorativa e discriminatória usada para fazer referência às religiões de matriz africana. 3. Ação realizada para o bem ou para o mal. [É um instrumento musical] (W.L.P.A., *LB*, 08/02/2019). [Olha, o português claro, **macumba** é um instrumento que se toca, mas por originalidade, por nossas ancestralidades, se colocou na mente que **macumba** é aquilo que se faz pr'outros. Quando se diz tambor de mina, ah, é a **macumba** que tá tocando pr'ali. Mas a gente tá tentando desmistificar isso da mente das pessoas, como as pessoas falam: ah, tá tendo macumba. Quando não falam **macumba**, falam tereco, que existe o tereco, só que é totalmente diferente do tambor de mina, são ritmos diferentes] (K.L.L.S., *FD*, 24/01/2020)

Melque. *Substantivo.* Pessoa que mente. [Ah, a gente adotou, aqui, com a gente, pera aí... Não, é mentiroso que a gente adotou como potoqueiro. INQ.- O que é potoqueiro? COL.- A pessoa que mente, a gente... eh, eu não sei quem foi que foi e olhou esse nome e a gente começou, é **melque**, potoqueiro. INQ.- **Melque**? COL.- Pra mentiroso também, a gente usa esse termo. Até no grupo mesmo, quando a gente tá conversando, ah, tá, tu já tá com teu **melque**. E a gente adotou como mentiroso]. (K.L.L.S., *FD*, 24/01/2020)]. //Variantes: potoqueiro //

Mexer com essas coisas. *Sintagma verbal.* Ato de participar de religião de matriz africana 2. Forma tabuízada de referência aos cultos religiosos de matriz africana. [A minha mãe eh... Meu avô era, meu avô era bem, ele... Assim, a gente também... não sei o porquê eles também não contam muita coisa sobre os pais dele, eu acho que é algum trauma, alguma coisa. Mas ele era, também, ele tinha... **Mexia com essas coisas** também. Ele era dono de terreiro, também. Mas ele era bem... tinha uns traços INQ.- Por que tu fala mexia com essas coisas, heim? COL.- ãh? Porque é o jeito, assim, de falar. Porque ele era da religião de matriz africana, entendeu?] (A.T.A.M., *LB*, 13/11/2018)

Molinha. *Adjetivo.* Mulher que se relaciona com vários homens. [Maria vai com as outras, **molinha**, rodada] (C.D.R., *FD*, 08/01/2020). //Variantes: maria vai com as outras, vassourinha, rodada, bandida, faceira, danada//

Música negra. *Sintagma nominal.* 1. Conjunto de gêneros musicais tocados pela batida forte de tambores, atabaques e instrumentos tipicamente afro. 2. Manifestação musical que exige respeito à autoafirmação como negro, à valorização do povo negro. 3. Música que faz a pessoa se sentir calma, relaxada. 5. Conjunto de ritmos musicais especificamente negros como jazz, reggae, bumba-meu-boi, afro. [Eu entendo que a pessoa tá buscando um resgate, entendeu?! Compõe música pra negro, eu acho bem legal, entendeu?! A pessoa querendo explicar pra sociedade o que realmente é, porque tem muita gente que não sabe realmente, tem

muita gente que ainda é alienado por tudo, eu não sei explicar.[...] (A.T.A.M., *LB*, 13/11/2018). [Eu acho que seria a música que de alguma forma o negro tentou expressar a sua originalidade, o seu sentimento e a sua valorização, seu pedido de respeito... eh... a forma do negro dizer que ele também é gente e não é porque ele tem uma pigmentação da pele mais escura, que ele tem que ser diferente. Ele é gente, ele tem sangue, ele pensa, ele tem alma, né, ele tem sentimento...eh...] (K.L.L.S., *FD*, 24/01/2020).

N

Negro. *Substantivo/adjetivo.* 1. Pessoa que se assume como negro, conhece a história dos seus ancestrais, que luta por direitos, deveres, resiste a todas as formas de opressão. 2. Qualidade, estado de espírito, humildade. 3. Cor de pele mais bonita. [É tá nessa luta constante, lutando a favor de seus direitos e seus deveres, fazer que a sociedade reconheça que nós não temos nada de diferente] (N.O.C., *LB*, 08/02/2019). [Pra mim, ser **negro** é ser humilde, é ter uma.... oh... como é o nome... é ter uma cultura, é ter uma história, entendeu?! Uma história bonita pra contar, que todo **negro** tem uma história bonita pra contar, diferente das outras raças. Que o **negro**, até hoje foi, tem religiões, tem tradições. Pra mim, ser **negro** é tudo, entendeu?! Pra mim é tudo. A cor mais bonita que eu acho no mundo que Deus já criou foi o **negro**] (R.W.F., *FD*, 04/01/2020).

P

Pedreiro. *Substantivo.* Pessoa viciada em crack. [COL.- **Pedreiro**, nóia. INQ.- Pedreiro? COL.- É! Tem vários nomes. Nóia, fritão, frigideira. Vários nomes que eles dão.] (R.W.F., *FD*, 04/01/2020). //Variantes: drogado, viciado em pedra, viciado, frigideira, fritão, nóia//

Pegar a burrinha. *Sintagma verbal.* 1. Brincadeira em que os meninos ficam correndo, na morte do bumba-meu-boi, com uma corda nas mãos atrás da burrinha. 2. Brincadeira infantil em que o chicote é amarrado em uma criança, as outras devem encontrá-la e pegar o chicote para bater na burrinha (figura representada pela criança selecionada). 3. Diversão em que uma criança se esconde e as outras a procuram até acha-la. [**Pegar burrinha** eh... Não tem a burrinha de São João? Não tem o boi, não tem a burrinha. Não tem aqueles meninos que ficam correndo na morte de boi, isso que é **pegar a burrinha**. INQ.- Como é que pega? COL.- Aí tu vai pegar a pessoa INQ.- Com uma corda, eh? COL.-É, aí a pessoa vai pegar, vai bater, pra pegar aquela pessoa pra pegar o chicote. É um inferno. É só pra menino tá correndo em rua] (A.F.G., *LB*, 22/03/2019). [Essa brincadeira, pra gente, era diferente, era um colega, a gente tinha que pegar o colega que se escondia e a gente corria atrás, né?! E aquele que descobria onde a pessoa tava escondida era aquele que ganhava a brincadeira. Existe outro tipo, mas o que a gente brincava como **pega burrinha** é isso aí] (M.M.S.P., *FD*, 12/11/2019).

POC-POC/ POC¹. *Adjetivo.* 1. Algo que foi produzido com péssima qualidade, malfeito, mal arrumado. 2. Homossexual afeminado. [Se for fulano tá **POC-POC**, oh, fulano... isso aí é um... cantor **POC-POC**, é um cantor da ralé. Não sabe nada, não canta nada] (N.O.C., *LB*, 08/02/2019). [Uma coisa que... assim... quase como uma brincadeira, assim, sei lá,. uma coisa que não é bem feita. Ah, a gente usa **POC** aqui quando... tipo assim: ah, esse coisa tá **POC**, tá malfeito, entende?! Aí, eu chegou mal arrumado, ah, hoje o W... tá **POC-POC**. Mais é esses qualiras que usa essa linguagem] (W.L.P.A., *LB*, 08/02/2020). [são os gays afeminados, que a gente fala aquela **POC**. Aquela **POC** arrasa, entendeu?! Ela lacra, ela monta, se veste, se maqueia, anda sempre no estilo é uma **POC**] (A.T.A.M., *LB*, 13/11/2018)

Preto/negro fugido. *Sintagma nominal.* 1. Brincadeira infantil em que uma criança corre com uma corda na cintura, as outras tentam alcançá-la para pegar a corda e bater na criança que representa o negro fugido. 2. Brincadeira, variação do pega-pega, realizada em área com muitas árvores e matos em uma criança deve procurar as demais até encontrar a última, ou uma criança toca no local previamente selecionado e salva a todas. [...]tu vai correr atrás do menino. É tipo assim: tu pega uma corda e bota aqui em mim, aí eu vou correr até o mundo acabar pra ninguém pegar essa corda que tá em mim. Aí quando tu conseguir pegar, tu dali. Só pra apanhar, mermã] (A.F.G., *LB*, 22/03/2019). [**Preto fugido** é tipo um... um... esconde-esconde só que aí, no mato, né? Aí, as pessoas vão se esconder nos locais das árvores, atrás das moitas, aí um vai descobrindo o outro aí ele vai... ele vai... vai descobrindo até tu descobrir o último, aí tu deixa de ser aquela pessoa que vai procurar, ou então alguém chega, vai lá, bate lá no local e tu volta a ser novamente...] (C.D.R., *FD*, 08/01/2020).

Q

Quilombo. *Substantivo.* 1. Lugar de morada de vários povos, grupos, principalmente, de negros. 2. Bairro. 3. Espaço que busca a liberdade, a vida livre, o agir contra as opressões, preconceitos ou discriminação e a ideologia capitalista. 4. Local de resistência e luta do povo negro. 5. Espaço de origem, de raiz e união só de

negros 6. Comunidade unida que todos cuidam para o bem do coletivo. [Fazendo a retrospectiva, **quilombo** é uma busca por liberdade, vida livre, não só poder pensar mas poder agir, melhor, sem opressão, sem discriminação, sem preconceito, com bastante respeito, humildade e cuidado consigo e com o outro, uma comunidade mais unida e mais fraterna, sem muitos pensamentos capitalistas e essa coisa maçante] (C.D.R., *FD*, 08/01/2020).

Quilombo Urbano. *Sintagma nominal*. 1. Espaço em área urbana onde afro-indígenas moram após saírem das áreas rurais em busca de melhores condições de vida e sobrevivência. 2. Espaço que reflete um passado modernizado, mantendo a tradição e os costumes de negro e indígena. 3. Forma de manter viva a identidade quilombola em área urbana para combater o racismo. 4. Forma de manutenção das tradições herdadas dos ancestrais negros. [O **quilombo urbano**... O quilombo, pra mim, é um povo viver em comunidade. É o povo viver em comunidade contra o preconceito. Viver em comunidade combatendo o preconceito] (B.C.D, *LB*, 22/02/2019). [...] justamente, o que a gente trouxe pra mim é um passado modernizado, porque antigamente eu tinha umas casas de taipa. Hoje, eu tenho casa de tijolo. Antes, eu tinha casas cobertas de palha, hoje, eu tenho casas cobertas de telha, né, antes eu tinha lamparina, hoje, eu tenho energia elétrica [...]] (K.L.L.S., *FD*, 24/01/2020).

Quilombola. *Substantivo*. 1. Pessoa negra ou miscigenada que mora em um quilombo. 2. Pessoa negra consciente de que é preciso lutar pela libertação das opressões que ainda afligem a comunidade negra. 3. Pessoa negra que transmite uma boa energia, é parceiro, amigo. [Essa miscigenação que tem, essas coisas diferentes eh.... tipo... é essa mistura que a gente tem de tudo, essa mistura mesmo] (A.T.A.M., *LB*, 13/11/2018) [É um negro que tem consciência que é preciso lutar pela libertação. Pra mim, ser **quilombola** é isso: é um negro que tem consciência. (M.M.S.P., *FD*, 12/11/2019).

U

Urso. *A Substantivo*. Mulher ou homem que se envolve com uma pessoa que tem um relacionamento estável. [**Urso** é quem entra no meio da relação do casal] (N.O.C., *LB*, 080/02/2019) [Que a gente sabe é que eles chamam é de **ursa**, de mulher que é ciente que a pessoa é casada e tá querendo ficar com o homem. A mesma coisa é o homem] (R.W.F., *FD*, 04/01/2020). //Variantes: amantes, fura olho//

Considerações finais

Tendo em vista os aspectos mencionados, a travessia forçada dos negros africanos para o Brasil em condições precárias ocasionou a morte dessas diversas pessoas sequestradas. Em solo brasileiro, essas pessoas eram submetidas à carga excessiva de trabalho, além de serem privadas de direitos básicos. Entretanto, as formas de (re)existências foram múltiplas e, dentre elas, a manutenção da vivência e ajuda mútua como era vivido pelos povos do continente africano. No Maranhão, os negros escravizados, majoritariamente, retiraram-se para áreas afastadas, nos quilombos rurais. Com o avanço do progresso, os quilombolas rurais formaram, principalmente, os bairros Liberdade, Fé em Deus e Camboa.

Em outro lugar, os remanescentes o afirmam como espaço ao manterem a cooperatividade, o atribuírem valor, conservação das manifestações culturais, as histórias, as práticas sociais. São nestes espaços que os quilombolas da Liberdade e Fé em Deus aprendem, a partir das experiências vivenciadas pelo grupo.

Considerando que os grupos humanos revelam e refletem as suas axiologias nos usos linguísticos que fazem, a presente pesquisa buscou conhecer a visão de mundo dos quilombolas urbanos da Liberdade e da Fé em Deus refletida nas especificidades conceituais, e denominativas desses quilombos.

O discurso especializado desses grupos negros demarca as suas concepções de vida, assim, suas práticas linguísticas se singularizam em relação às da língua geral. Ao estudar o discurso especializado desses quilombos urbanos, pudemos entender as práticas socialmente construídas por esses grupos humanos.

Pudemos constatar, o processo criativo desenvolvido pelos quilombolas ludovicenses ao atribuírem denominações e usarem vocábulos-termos cujas formas denominativas e conceituais não foram encontradas nos dicionários consultados, como ‘mexer com essas coisas’, ‘bairro quilombola’, ‘negro fugido’ e ‘pega a burrinha’, ou ainda, *LB*, *Bairro Freedom*, *Libercity* e *Liberdadesocity* — denominações que representam características peculiares do bairro Liberdade.

Observamos que as particularidades semântico-conceituais vigoraram no léxico dos quilombos investigados, visto que as denominações dos vocábulos-termos catalogados são, em grande parte, de conhecimento geral.

A Etnoterminologia foi fundamental para o estudo das representações denominativas e conceptuais dos quilombos urbanos Liberdade e Fé em Deus, uma vez que possibilitou identificar que as raízes étnico-culturais são de extrema relevância para a formação dos discursos especializados pesquisados.

Enfim, com o olhar alinhado a esses aportes, analisamos as relações semântico-lexicais e, sobretudo, as semântico-conceptuais estabelecidas em 23 vocábulos-termos-entrada, o que nos permitiu conhecer as representações culturais, linguísticas e ideológicas dos quilombolas urbanos, sobretudo, a partir dos semas formadores dos metaconceptus que trouxeram à tona as concepções socioculturalmente herdadas pelos ancestrais, construídas nas interações com os pares, pelos/as negros/as quilombolas da Liberdade e da Fé em Deus.

Referências

- Andrade, M. M. (2010). A unidade lexical no discurso etnoliterários. In *Anais do XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia* (Vol. XIV, n. 2, t. 1, p. 408-418). Rio de Janeiro, RJ.
- Aulete, C. (2011). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon.
- Barbosa, M. A. (2004). Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 4(1), 55-83. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100006>
- Barbosa, M. A. (2007). Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In A. N. Isquerdo, & I. M. Alves (Orgs.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (Vol. 3, p. 433-445). São Paulo, SP: Humanitas.
- Brasil. (2019). Portaria nº 192, de 13 de novembro de 2019. Certifica que a comunidade, a seguir identificada, se Autodefiniu como Remanescente de Quilombo, conforme Declaração de Autodefinição. *Diário Oficial da União*, n. 221 de 14 de novembro 2019. Seção 1, p. 6. Recuperado de https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/ii-premio-oliveira-silveira-2013-infantojuvenil/ResultadoPreliminar_IIPremioOliveiraSilveira.pdf
- Du Bois, J., Giacomo, M., Guespin, L., Marcellesi, C., Maecelessi, J. -B., & Mevel, J. -P. (2014). *Dicionário de Linguística*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Fonseca, C. T. M. (2018). *PAC RIO ANIL: uma reforma urbana como estratégia para o desenvolvimento socioeconômico* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2022). *Censo Brasileiro de 2022*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>
- Latorre, V. R. D (2013). A dialética entre os extremos: da terminologia à etnoterminologia. *Caderno Seminal Digital*, 19(19), 70-94.
- Michaelis. (2020). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. Recuperado de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>
- Oliveira, F. B., & D'Abadia, M. I. V. (2015). Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, 4(2), 257-275.
- Pais, C. T. (2009). Semiótica das culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Linguística*, 13(1), 155-172. DOI: http://www.filologia.org.br/xicnlf/15/semiotica_das_culturas.pdf
- Santos, G. M. O. (2013). *Um saber semioticamente construído: a visão de mundo no léxico do quilombo Jamary dos Pretos – Turiaçu/MA*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Serra, L. H. (2019). O léxico especializado dos plantadores de cana-de-açúcar do Maranhão: descrevendo a organização conceitual de um universo laboral. In C. M. A. Ramos, C. C. B. Alves, J. R. M. Bezerra, G. M. O. Santos, H. R. C. Matos, E. L. Pereira, & L. H. Serra (Orgs.), *Estudos Sociodialetais do Maranhão* (Vol. 1, p. 246-264). São Luís, MA: EDUFMA.